

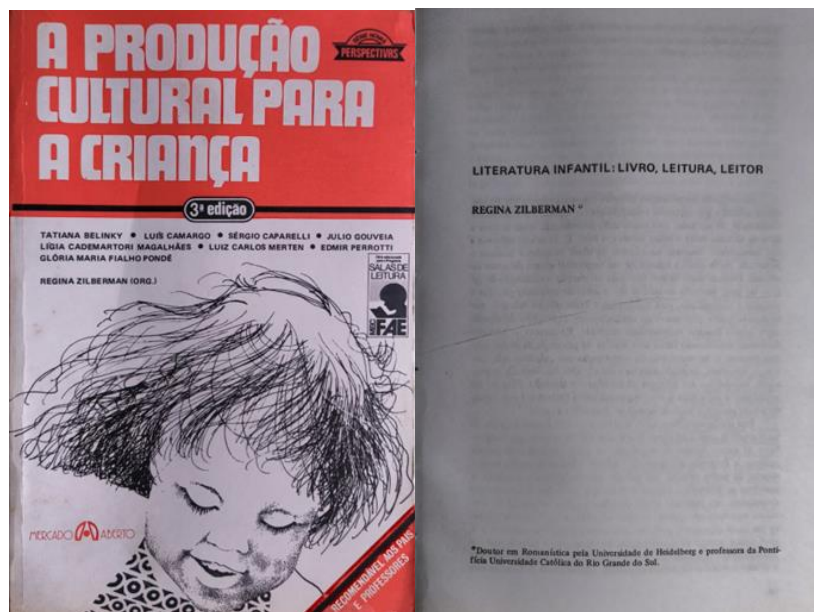
Literatura Infantil, Cultura de Resistência e os Desafios Contemporâneos da Leitura

Rodrigo Marciel Soares Dutra¹

 <https://orcid.org/0000-0003-3952-535X>

RESENHA

ZILBERMAN, Regina. Literatura Infantil: Livro, Leitura e Leitor. In: ZILBERMAN, Regina (org.). **A Produção Cultural para a Criança**. 3ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986. p. 93-115.



O capítulo “Literatura Infantil: Livro, Leitura e Leitor”, de Regina Zilberman, presente no livro *A Produção Cultural para a Criança* (1986), é um marco para a compreensão da literatura infantil no Brasil. A autora analisa como esse gênero literário transita entre demandas pedagógicas, mercadológicas e artísticas, revelando tensões entre sua valorização como ferramenta educativa e seu potencial criativo e crítico.

¹ Doutorando em Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO), Instituto de Estudos Socioambientais (IESA), Universidade Federal de Goiás (UFG), rodrigo.dutra.gyn@gmail.com.

Para ampliar essa análise, esta resenha estabelece um diálogo com outros autores: Alfredo Bosi (*Cultura Brasileira e Culturas Brasileiras e Plural, mas não caótico*), Ecléa Bosi (*Sobre a Cultura das Classes Pobres*), Umberto Eco (*Do Modo de Formar como Compromisso com a Realidade e Apontamentos sobre a Televisão*), José Marques de Melo (*Comunicação Social: Da Leitura à Leitura Crítica e A Televisão como Instrumento do Neocolonialismo*), Ana Maria Machado (*Conversas sobre Leitura e Política*) e Lajolo e Zilberman (*A Formação da Leitura no Brasil*). Este trabalho busca compreender como a literatura infantil pode se firmar como um espaço de resistência cultural e formação crítica, mesmo diante dos desafios impostos pelas tecnologias digitais e pela cultura de massa.

Literatura Infantil: Complexidade e Contradições

Regina Zilberman argumenta que a literatura infantil ocupa um lugar ambíguo no campo cultural. Associada à alfabetização em massa no século XVIII, ela foi moldada por demandas educativas e ideológicas, muitas vezes em detrimento de seu valor artístico e lúdico. A autora destaca que, enquanto a literatura infantil enfrenta dificuldades para ser legitimada como forma literária plena, ela também é profundamente influenciada pelo mercado editorial, que frequentemente prioriza obras de fácil consumo.

Apesar disso, Zilberman defende que a literatura infantil possui um potencial único para promover a imaginação, a autonomia e o pensamento crítico das crianças. Ela propõe que esse gênero seja reposicionado como um espaço de resistência cultural, capaz de questionar narrativas dominantes e oferecer novas perspectivas.

Cultura Popular e Cultura de Massa

Ecléa Bosi, em *Sobre a Cultura das Classes Pobres* (1996), apresenta uma distinção essencial para a análise de Zilberman: a diferença entre “cultura popular” e “cultura de massa”. A primeira reflete expressões espontâneas e criativas das classes populares, enquanto a segunda é imposta pela indústria cultural para uniformizar o consumo e reduzir a diversidade. Zilberman adota essa perspectiva ao argumentar que a literatura infantil pode resgatar elementos da cultura popular, desafiando as imposições homogeneizantes da cultura de massa.

Alfredo Bosi, em *Cultura Brasileira e Culturas Brasileiras* (2008), complementa essa análise ao destacar que a resistência cultural surge do confronto entre as culturas populares, eruditas e massificadas. Em *Plural, mas não caótico* (2008), Bosi descreve a cultura brasileira como um mosaico de influências, em que o popular, o erudito e o massificado se encontram e se transformam mutuamente. Essa pluralidade cultural, longe de ser caótica, é a força que pode resistir à padronização imposta pelo mercado, e Zilberman reconhece que a literatura infantil, ao incorporar essas diversas influências, pode se tornar um veículo de resistência e criatividade.

Os Meios de Comunicação e a Alienação

Umberto Eco, em *Apontamentos sobre a Televisão* (2006), destaca como os meios de comunicação de massa, como a televisão, frequentemente promovem um consumo passivo e alienante. Essa crítica é ampliada por José Marques de Melo, em *A Televisão como Instrumento do Neocolonialismo* (2008), que analisa como a mídia no Brasil reforça dependências culturais e econômicas, privilegiando narrativas homogêneas e de fácil assimilação.

Zilberman dialoga com essas ideias ao apontar que a mídia de massa compete diretamente com a literatura infantil, desviando o interesse das crianças para conteúdos superficiais e comerciais. Contudo, Eco, em *Do Modo de Formar como Compromisso com a Realidade* (1976), sugere que a arte pode se opor a essa alienação ao engajar o público em processos ativos de significação. Zilberman aplica essa perspectiva à literatura infantil, defendendo que ela pode funcionar como um espaço de resistência criativa, ao estimular a reflexão crítica e a autonomia.

Formação do Leitor: Escola, Mercado e Família

A formação do leitor infantil é um tema central em *A Formação da Leitura no Brasil* (Lajolo e Zilberman, 2003). As autoras destacam o papel da escola como mediadora entre o livro e o leitor, mas criticam a tendência de instrumentalizar a literatura infantil, subordinando-a a objetivos pedagógicos. Essa visão é compartilhada por Ana Maria Machado (*Conversas sobre Leitura e Política*, 1999), que propõe uma abordagem que priorize a qualidade literária e o diálogo crítico.

Machado defende que pais e professores devem mediar ativamente a leitura das crianças, ajudando-as a identificar nuances ideológicas nos textos. Ela também sugere uma dieta literária variada, que inclua obras com perspectivas diversas e estéticas refinadas. Esse posicionamento ressoa com as reflexões de José Marques de Melo (*Comunicação Social: Da Leitura à Leitura Crítica*), que associa a leitura à formação de cidadãos conscientes e participativos.

Monteiro Lobato é citado por Zilberman como exemplo de autor que conseguiu equilibrar o lúdico e o pedagógico, promovendo um diálogo criativo com o leitor infantil. Suas obras valorizam a interação ativa das crianças, transformando-as em parceiras do narrador na construção do significado.

Literatura Infantil na Era Digital

O avanço das tecnologias digitais trouxe novos desafios e oportunidades para a literatura infantil. A internet e as redes sociais democratizaram o acesso à leitura, mas também criaram um ambiente saturado de estímulos e narrativas fragmentadas, que dificultam o engajamento crítico.

Ecléa Bosi observa que, mesmo em um contexto de massificação, práticas culturais cotidianas, como a leitura compartilhada e a valorização de narrativas locais, podem funcionar como formas de resistência. Zilberman, por sua vez, argumenta que a literatura infantil precisa resgatar seu papel

transformador, oferecendo um espaço de reflexão e criatividade em meio a um ambiente dominado por estímulos superficiais.

Reflexões Finais

A literatura infantil, como parte integrante da cultura de resistência, desempenha um papel crucial na formação de leitores conscientes e engajados. Para que esse potencial seja plenamente realizado, é necessário superar as limitações impostas pela escola, pelo mercado e pela indústria cultural.

No contexto digital, a literatura infantil se torna ainda mais relevante como ferramenta para promover o pensamento crítico e a autonomia criativa. Como argumenta Zilberman, o futuro desse gênero literário depende de sua capacidade de transcender os limites institucionais e reafirmar seu papel como veículo de emancipação cultural e social.

A literatura infantil, como parte integrante da cultura de resistência, tem o potencial de formar leitores conscientes e engajados, capazes de questionar as estruturas de poder e as narrativas impostas. Para isso, é necessário um esforço coletivo que envolva escola, família, mercado e políticas públicas. Retomar a centralidade da literatura infantil no desenvolvimento humano é, portanto, uma tarefa urgente para garantir que as próximas gerações sejam capazes de navegar criticamente por um mundo em constante transformação.

Referências

BOSI, Alfredo. Cultura Brasileira e Culturas Brasileiras. In: BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. 4ª ed. 6ª Reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 308-345.

BOSI, Alfredo. Plural, mas não caótico. In: BOSI, Alfredo (org.). **Cultura Brasileira: Temas e Situações**. 4ª ed. 7ª Impressão. São Paulo: Ática, 2008. p. 07-15.

BOSI, Ecléa. Sobre a cultura das classes pobres. In: BOSI, Ecléa. **Cultura de Massa e Cultura Popular**. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 13-28.

ECO, Umberto. Do Modo de Formar como Compromisso com a Realidade. In: ECO, Umberto. **Obra Aberta: Forma e Indeterminação nas Poéticas Contemporâneas**. Trad. Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 227-277.

ECO, Umberto. Apontamentos sobre a Televisão. In: ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. Trad. Pérola de Carvalho. 6ª ed. 2ª Reimpressão. São Paulo: Perspectiva, 2006. p. 325-364.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A Formação da Leitura no Brasil**. 3ª ed. 2ª Impressão. São Paulo: Ática, 2003. p. 08-57.

MACHADO, Ana Maria. **Conversas sobre Leitura e Política**. São Paulo: Ática, 1999. p. 29-79.

MELO, José Marques de. Comunicação Social: Da Leitura à Leitura Crítica. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da (org.). **Leitura: Perspectivas Interdisciplinares**. 5ª ed. 8ª Impressão. São Paulo: Ática, 2005. p. 100-110.

MELO, José Marques de. A Televisão como Instrumento do Neocolonialismo: Evidências do Caso Brasileiro. In: BOSI, Alfredo (org.). **Cultura Brasileira**: temas e situações. 4ª ed. 7ª Impressão. São Paulo: Ática, 2008. p. 308-345. p. 167-181.

ZILBERMAN, Regina. Literatura Infantil: Livro, Leitura e Leitor. In: ZILBERMAN, Regina (org.). **A Produção Cultural para a Criança**. 3ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986. p. 93 a 115.



Este artigo está disponível em acesso aberto sob a Licença Creative Commons Attribution, permitindo uso ilimitado, distribuição e reprodução em qualquer formato, desde que a obra original seja devidamente creditada.